



**Pri**meiro o azul e dourado, cores escolhidas para homenagear a baía da Guanabara e o ouro brasileiro. Depois o preto e vermelho. Foi assim mesmo. Tudo era difícil. Não tinha jeito. As cores tiveram que ser trocadas porque os jovens do Grupo de Regatas do Flamengo não eram ricos, não pertenciam à elite aristocrática do Rio de Janeiro do final do século XIX, em pleno início da era republicana brasileira. O tecido dourado era caro demais, importado da Inglaterra e desbotava rapidamente, fazendo com que os remadores sempre fossem obrigados a trocar os uniformes maltratados pelo sol e pela maresia. Talvez eles não soubessem, mas tinham escolhido as cores do povo.

E se não tinham dinheiro, porque decidiram fundar um grupo de regatas? O motivo foi simplista, como tudo na juventude: se Botafogo, Icarai e Gragoatá tinham seus

clubes, porque a rapaziada do Flamengo não poderia? Afinal de contas, naquela época, quase tudo girava em torno da baía da Guanabara, vizinha íntima daquela turma de remadores. O remo era o esporte mais popular, seguido pelo turfe. Nos fins de semana, que tristeza, os cariocas só tinham duas opções de programas esportivos: as regatas da baía e as corridas de cavalos do Jockey da Mangueira, no mesmo local onde acabou sendo construído o estádio do Maracanã.

Antes mesmo de pensarem em constituir qualquer clube, os remadores do bairro já haviam feito uma vaquinha e comprado um velho barco de cinco remos, o Pherusa. O trabalho de reforma foi confiado a um armador da praia de Maria Angu, em Ramos.

No dia 6 de outubro de 1895, ansiosos, os jovens foram buscar a baleeira, novinha em folha. Embarcaram e tomaram o rumo da praia do Flamengo. No meio do caminho, uma tempestade virou a embarcação e os naufragos se seguraram nela para não se afogarem. Semidestruído, o Pherusa voltou para o estaleiro. Acabou sendo roubado e nunca mais foi encontrado. Foi o primeiro dos muitos momentos de raça e superação, que iria marcar a história dos flamenguistas.

Idealista, José Agostinho Pereira da Cunha, então, sugeriu criar-se uma agremiação de remo no bairro. No dia 17 de novembro do mesmo ano, um domingo, no casarão da praia do Flamengo, nº 22, onde morava Nestor de Barros, reuniram-se, além do anfitrião e de Agostinho, Napoleão Coelho de Oliveira, Eduardo Sardinha, Carlos Sardinha, Desidério Guimarães, Maurício Rodrigues Pereira, George Leuzinger, Augusto Lopes da Silveira, José Augusto Chalréu, João de Almeida Lustosa, Mário Spíndola, José Maria Leitão da Cunha, Felisberto Laport, Lucci Collás e José Félix da Cunha Meneses.

Passando pela casa e ouvindo o burburinho empolgado dos remadores, o guarda-marinha Domingos Marques de Azevedo ficou curioso, acabou entrando e participando, meio que sem querer, da fundação do Grupo de Regatas do Flamengo, sendo eleito seu primeiro presidente. A turma não era boba, afinal de contas, sendo um militar, Domingos com certeza iria fazer com que houvesse respeito por parte dos dirigentes dos outros clubes.

O estatuto da nova agremiação esportiva foi redigido à noite, numa reunião no Largo do Machado e os rapazes decidiram que a data oficial de fundação seria o feriado do dia 15 de novembro, em homenagem à Proclamação da República.

Os problemas não tardaram, e o Flamengo, sem dinheiro, demorou um pouco a chegar a um lugar de destaque no remo carioca. Os remadores rubro-negros, que de-

cepção, não conseguiram completar a primeira prova que disputaram e a embarcação acabou sendo rebocada para a praia por um barco do Clube de Regatas Botafogo. Errou quem pensou que isso iria esfriar o ânimo dos flamenguistas.

Mesmo assim, a primeira vitória só veio na primeira regata no Campeonato Náutico do Brasil, em 5 de junho de 1898, com a baleeira Ilerê, de dois remos. A garra dos rapazes de preto e vermelho só fazia aumentar a simpatia dos torcedores, principalmente entre as moçoilas.

Em 1902, o Grupo havia crescido bastante e acabou mudando de nome, passando a se chamar Clube de Regatas do Flamengo. A primeira grande vitória numa prova clássica aconteceu em 1905, a Taça Sul-Americana. Mas o título carioca, tão aguardado, não chegava. Até 1910, o Flamengo venceu muitas regatas, seus remadores e barcos faziam sucesso, mas nada de conquistar o título carioca.

Neste relato inicial, já deu para perceber que o Flamengo, desde que nasceu, vinha trilhando o caminho da superação e da popularidade. E um tal de *football*, um novo esporte que já ameaçava agitar a cidade, teria forte influência na transformação pela qual o clube passaria, vindo a se tornar o mais querido do Brasil, quase uma religião.



*José Agostinho Pereira da Cunha,  
idealizador do Flamengo*



*Domingos Marques de Azevedo,  
primeiro presidente do Flamengo*

1911 A 1919



OS PRIMEIROS  
CHUTES, AS  
PRIMEIRAS TAÇAS



**Até** 1911, o remo continuava dividindo a preferência dos cariocas com o turfe, pois o futebol ainda tinha uma imagem negativa. Muitos não viam com bons olhos aquele esporte novo, onde onze jogadores de cada lado corriam para lá e para cá, dando “pulinhos” dentro de campo, tentando colocar a bola na baliza do adversário. Pulinhos? Um exagero dos críticos. Alguns chegavam a dizer que aquilo não era esporte para homens, como o remo, que deixava os atletas musculosos e mostravam força para chegar à vitória. Outro absurdo. Havia quem visse o futebol como coisa de ingleses e grã-finos, o jogo da elite, não era para o povão.

Mesmo assim, o futebol não parava de ganhar adeptos, principalmente depois de 1906, quando foi disputado o primeiro Campeonato Carioca, conquistado pelo Fluminense. A colônia inglesa, muito influente na época, tinha seus clubes de futebol, como o Paysandu e o Rio Cricket, além de jogadores atuando no Tricolor e no Bangu.

O preconceito contra o futebol só começou a diminuir porque muitos atletas do remo também praticavam o esporte bretão. Era o caso, por exemplo, de Alberto Borghert, capitão do time do Fluminense que remava pelo Flamengo.

## Ebulição nas Laranjeiras

Quem esperaria que em plena era romântica do futebol, quando os jogadores eram amadores, que haveria uma crise nas Laranjeiras? E quem poderia imaginar que esse conflito iria gerar a surgimento inesperado de uma nova equipe, uma nova camisa disputando o Campeonato Carioca, já a partir de 1912? Mais que isso, mesmo com uma bola de cristal, nenhum daqueles dissidentes poderia prever que estava nascendo o time mais popular do Brasil e do mundo.

No início do futebol, não existiam os técnicos. As equipes eram dirigidas por um Ground Committee (GC), formado por alguns dirigentes e jogadores. No dia 10 de setembro de 1911, na penúltima rodada do Campeonato Carioca, o Fluminense enfrentaria o Rio Cricket, a quem acabaria vencendo por 5 a 0. Mas quase que os tricolores não entraram em campo. Não é que o tal comitê barrou o atacante titular e capitão do time, Alberto Borgerth, e escalou o zagueiro Ernesto Paranhos? Um erro crucial. Borgerth era um líder e seus companheiros não gostaram a atitude do GC.

No dia seguinte, durante uma assembleia nas Laranjeiras, ficou registrado na ata:

O Sr. Alair Antunes pede a palavra para comunicar que não pode continuar como membro do Groud Committee, pois que um team, que elle havia affixado na pedra, foi retirado e um outro recolocado havia sido riscado. Que 7 jogadores haviam resolvido entre si não aceitar a resolução do G. Committee. Que o Sr. Alberto Borgerth, consultando jogadores para a organização de teams, proporcionaram um resultado negativo, pois que os membros se julgaram com direito a discutir opiniões que não lhe competiam.

Era uma briga de poder. Guerra de egos. Os jogadores queriam interferir na escalação do time e o clube não iria abrir tal precedente, mesmo contrariando os atletas insatisfeitos. Um impasse que precisaria ser resolvido logo.

## A insurreição

Os dez dissidentes se reuniram no dia 21 de setembro, na pensão Almeida, localizada na rua do Catete, 186. Eram, além de Borgerth, Emmanuel Nery, Gustavo de Carvalho, Othon Baena de Figueiredo, Ernesto Amarante, Píndaro de Carvalho, Lawrence Andrews, Arnaldo Machado Guimarães, Orlando Sampaio Mattos (Bahaiano) e Armando de Almeida (Gallo). Todos titulares do Tricolor, que precisavam deliberar sobre dois assuntos. O primeiro: Sairiam do Flu? O segundo: Para onde iriam?

Sem muito papo, deixar o Fluminense foi rapidamente decidido.

E qual seria o melhor caminho para um time que já conquistara o título carioca de 1911, com uma rodada de antecedência? O Botafogo era o maior rival e já contava com uma equipe com jogadores consagrados, como Carlito Rocha, Edgard Pullen e Mimi Sodré. Não dava para ser. O Paysandu tinha uma equipe formada apenas por ingleses, sócios do clube, e os brasileiros não se sentiriam à vontade com as diferenças culturais. Essas eram as opções na Zona Sul. Não cogitaram os clubes da Zona Norte, como América e São Cristóvão, por causa das dificuldades de locomoção da época, que acabavam por aumentar as distâncias.

Foi então que Alberto Borgerth teve uma ideia brilhante: “O Flamengo!”

Caminho natural. Afinal de contas, ele era remador do Flamengo e o clube não praticava nenhum outro esporte a não ser o remo. A proposta teve aprovação unânime, porém, antes de seguir um novo caminho, os rapazes precisavam fazer tudo direitinho. Como cavalheiros, deveriam primeiro se desligar do Fluminense, para depois procurar o Rubro-Negro. Assim ditava a boa educação.

## Saída honrosa

Ainda faltava uma partida para o campeonato acabar e o compromisso do Fluminense seria contra o América. Paranhos, o zagueiro que serviu de pivô para a crise, ao ser escalado no lugar de Borgerth, pediu aos dissidentes que participassem do confronto. Com o idealismo dos atletas amadores, todos concordaram em honrar a camisa tricolor pela última vez e cumprir com mais essa missão. Menos Borgerth, que estava afastado pela diretoria.

O América, que terminou o certame como vice-campeão, tinha em seus quadros atletas com a grandeza de Marcos Carneiro de Mendonça, que viria a se transferir para o Flu e acabaria sendo o primeiro goleiro da seleção brasileira, e o ótimo Belfort Duarte, até hoje venerado como símbolo de nobreza e lealdade em campo. Era um adversário complicado. A partida foi no dia 1º de outubro, todos se dedicaram ao máximo, e o Fluminense venceu por 2 a 0, com gols de Gallo e Paranhos.

O time das Laranjeiras foi campeão invicto, vencendo todas as seis partidas que disputou, já que o Carioca foi disputado por apenas quatro equipes, em dois turnos e pontos corridos. Foram 21 gols a favor e apenas um contra.

No dia 3 de outubro, Borgerth e seus companheiros entregaram ao Fluminense um ofício pedindo o desligamento do clube. Na reunião de diretoria, não houve con-

senso. O presidente Atahualpa Guimarães chegou a ficar indeciso na hora de dar o voto de minerva, até que Affonso Castro convenceu o mandatário tricolor de que “a saída destes atletas vai estabelecer, de modo definitivo, o princípio de autoridade em nossa agremiação”.

Era o que faltava para que os dez rapazes seguissem seu novo caminho. Dos titulares, ficaram no Flu apenas James Calvert e Oswaldo Gomes, que viria a se consagrar, em 1914, como o autor do primeiro gol da história da seleção brasileira.

## O carismático

A luta de Alberto Borgerth, aos dezenove anos de idade, e seus camaradas ainda não havia terminado. Teriam que vencer pelo menos mais um round: convencer o Flamengo a ter um time de futebol. Persuadir os “fortões do remo” não era tarefa fácil, sem falar que alguns conselheiros acreditavam que tudo não passava de uma aventura e que os rapazes fariam as pazes com o Fluminense e criariam um problema para o Flamengo. Seria preciso muita lábia. O futebol ainda era alvo de muita desconfiança, visto como um esporte nada masculino.

Dia 8 de novembro de 1911. Assembleia no Flamengo. Autorizado pelo presidente Virgílio Leite de Oliveira e Silva, Borgerth tomou a palavra e sugeriu aos associados a criação de uma seção de futebol no clube. Com seu carisma, o jovem estudante de medicina desfilava suas razões: era o time campeão da cidade e era quase certo que a Liga Metropolitana de Sports Atléticos (LMSA) colocaria o Fla na primeira divisão, mesmo com o regulamento prevendo a segunda para as equipes estreantes.

Apesar de sua eloquência e dos argumentos embasados, os membros da assembleia não se convenceram de cara. Incomodava a eles o



*Virgílio Leite de Oliveira e Silva, presidente que ajudou a implantar o futebol no Flamengo*



papo-furado de “futebol ser um esporte de pulinhos e de bailarinos, além de ter muito contato físico entre homens”.

O presidente Virgílio Leite se convenceu, mas não poderia impor uma decisão. A assembleia era soberana, mas, apesar de uma primeira resposta negativa, viu-se que muitos passaram a considerar a possibilidade de o Flamengo ter futebol. Ao deixar a reunião, o presidente se dirigiu a Borgerth: “Você está fazendo medicina, mas eu acho que darias um ótimo advogado”.

Com toda a certeza, o assunto continuou se arrastando em conversas dentro do clube. De vez em quando, num canto ou outro, havia um burburinho. A ideia ia se solidificando aos poucos, até que numa reunião extraordinária, finalmente, foi aprovada a criação de uma Seção de Desportos Terrestres e a direção foi entregue ao competente Borgerth.



Mas... Sempre existe o “mas”... O pessoal do futebol tinha que atender a algumas condições impostas pelos remadores. Em primeiro lugar, deveriam se virar com recursos financeiros gerados pelo novo departamento. Se a experiência não desse certo, acabava-se com o futebol. E, finalmente, os jogadores não poderiam usar a mesma camisa e nem o escudo usado pelo remo. Foi quando criaram a camisa de quadrados pretos e vermelhos, logo apelidada de Papagaio-de-Vintém, porque se parecia com as pipas baratas que os moleques costumavam brincar nas ruas.

## **Junto e misturado com o povo**

Conforme Borgerth havia profetizado, o time foi aceito na primeira divisão do Campeonato Carioca, inclusive com o voto a favor do Fluminense, que também se dispôs a ceder o estádio das Laranjeiras para que o Flamengo mandasse seus jogos, já que o regulamento também exigia que o clube tivesse um estádio. Ao receber a notícia do amigo Oswaldo Palhares, tal atitude o deixou emocionado: “Agora sinto ainda mais orgulho de um dia ter defendido as cores do Fluminense”.

Mas onde o time iria treinar, se o clube só tinha a sua garagem de barcos na Praia do Flamengo? O que parecia um problema, uma desvantagem, com o tempo, mostraria o quanto essa falta de campo seria benéfica e um fator fundamental para o sucesso e a popularidade do Flamengo.



*Campo onde o Flamengo treinava, na rua do Russel (Foto de 1911)*

Próximo à sede do clube, na praia do Russel, o prefeito Bento Ribeiro mandou fazer um campo de futebol gramado e com balizas, para que a garotada da região pudesse se divertir. Bem, a meninada se divertia, sim, mas só até o final da tarde, quando apareciam, com chuteiras e roupas de treino, os jogadores do Flamengo, o mais novo time da primeira divisão carioca. Era hora dos petizes verem seus ídolos de perto.

O escritor e economista Marcel Pereira, em seu livro *A Nação*, conseguiu explicar muito bem como funcionou essa aproximação:

A garotada acompanhava o time, apontando o Píndaro, o Baena, o Gallo, o Borgerth, o Gustavinho. Para Alberto Borgerth, ali estava a explicação de tudo. Assim, a falta de um campo fez o Flamengo misturar-se ao povo, aproximar-se dele. Os garotos, em busca de ídolos, iam ao encontro deles no campo do Russel. Podiam tocá-los, podiam devolver as bolas que iam fora. E haviam de contar em casa, na escola, que tinham conhecido o Nery, que tinham batido nas costas do Amarante, que tinham apertado a mão do Bahiano.

Para começar a entender como o Flamengo ganhou tamanha popularidade, deve-se ir fundo na análise do espírito que permeava o clube. O caso rubro-negro é uma daquelas excelentes metáforas da eterna batalha entre o velho e o novo, entre o status quo e o revolucionário. Um capítulo da história onde se encontram a voluntariedade da juventude e a inflexibilidade do velho, geralmente carregado em vícios.